Confluências Culturais
Revista Interdisciplinar

v. 15, n. 2: Cultura y subjetividades latinoamericanas

Processos de identificação e rejeição no romance *Violeta*, de Isabel Allende

Processes of identification and rejection in the novel *Violeta*, by Isabel Allende

Procesos de identificación y rechazo en la novela *Violeta*, de Isabel Allende

Fernanda Kreuz Machado[1]
Dionei Mathias[2]

Recebido em: 31 mar. 2026
Aceito para publicação em: 29 maio 2026

Resumo: Este artigo tem como *corpus* de análise a obra *Violeta*, da escritora chilena Isabel Allende (2023). O romance, narrado em formato de diário, acompanha a trajetória da protagonista desde o nascimento até a morte, explorando suas vivências em meio a mudanças políticas e históricas, bem como as dinâmicas de identificação e rejeição estabelecidas com as demais personagens. O objetivo deste trabalho é investigar como ocorrem tais dinâmicas e quais são suas influências na subjetividade e nos deslocamentos identitários da protagonista ao longo da narrativa. A análise parte dos vínculos entre Violeta e as figuras femininas da trama: as tensões no ambiente familiar, a identificação com a preceptora inglesa, a rejeição vivenciada no matrimônio e o processo oscilante de aproximação e afastamento da própria filha. Todos esses movimentos são essenciais para a consolidação e transformação

[1] Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, RS, Brasil. Mestra em Estudos Literários pela UFSM. *E-mail*: fernanda-krmachado@educar.rs.gov.br. Orcid: https://orcid.org/0009-0002-5687-4041.

[2] Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, RS, Brasil. Doutor em Letras pela Universität Hamburg. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. *E-mail*: dioneimathias@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8415-1460.

da identidade da personagem. Com o intuito de fundamentar a análise, utilizam-se teorias acerca da identidade, como as de Hall (2022) e Laclau (2000), articulando-as às questões de gênero abordadas por Beauvoir (2009), Deifelt (2002) e Glenn (2013). Conclui-se que a disposição da personagem Violeta nesses contextos e os impactos dos processos de identificação e rejeição no tecido social e narrativo são condizentes com as transformações individuais e coletivas com as quais ela estabeleceu contato e que, dessa forma, alteraram seu modo de estar e de se reconhecer no mundo.
Palavras-chave: *Violeta*; identidade; deslocamento; pertencimento; literatura chilena.

Abstract: This article analyzes the novel *Violeta*, by the Chilean author Isabel Allende (2023). The novel, narrated in a diary format, follows the protagonist's trajectory from birth to death, exploring her experiences amidst political and historical changes, as well as the dynamics of identification and rejection established with other characters. Then, the purpose of this study is to investigate how these dynamics occur and what their influences are on the protagonist's subjectivity and identity shifts throughout the narrative. The analysis stems from the bonds between Violeta and the female figures in the plot: the tensions in the family environment, the identification with her English governess, the rejection experienced in marriage, and the fluctuating process of closeness and distance from her own daughter. All these movements are essential for the consolidation and transformation of the character's identity. To support the analysis, theories about identity are utilized, such as Laclau (2000) and Hall (2022), articulating them with the gender issues addressed by Beauvoir (2009), Glenn (2013), and Deifelt (2002). It is concluded that the character Violeta's disposition within these contexts and the impacts of the processes of identification and rejection in the social and narrative fabric are consistent with the individual and collective transformations with which she established contact and which, as a result, altered her way of being and recognizing herself in the world.
Keywords: *Violeta*; identity; displacement; belonging; Chilean literature.

Resumen: El presente artículo tiene como *corpus* de análisis la obra *Violeta*, de la escritora chilena Isabel Allende (2023). La novela, narrada en formato de diario, sigue la trayectoria de la protagonista desde su nacimiento hasta su muerte, explorando sus vivencias en medio de cambios políticos e históricos, así como las dinámicas de identificación y rechazo establecidas con los demás personajes. Luego, el objetivo de este trabajo es investigar cómo ocurren tales dinámicas y cuáles son sus influencias en la subjetividad y en los desplazamientos identitarios de la protagonista a lo largo de la narrativa. El análisis se basa en los vínculos entre Violeta y las figuras femeninas de la trama: las tensiones en el entorno familiar, la identificación con la preceptora inglesa, el rechazo vivido en el matrimonio y el proceso oscilante de acercamiento y distanciamiento de su propia hija. Todos esos movimientos son esenciales para la consolidación y transformación de la identidad del personaje. Con el propósito de fundamentar el análisis, se utilizan teorías sobre la identidad, como Laclau (2000) y Hall (2022), articulándolas con las cuestiones de género abordadas por Beauvoir (2009), Glenn (2013), y Deifelt (2002). Se concluye que la disposición del personaje Violeta en esos contextos y los impactos de los procesos de identificación y rechazo en el tejido social y narrativo son coherentes con las transformaciones individuales y colectivas con las que estableció contacto y que, a partir de ello, alteraron su modo de estar y de reconocerse en el mundo.
Palabras clave: *Violeta*; identidad; tránsito; pertenencia; literatura chilena.

INTRODUÇÃO

A produção artística latino-americana é essencial para o reconhecimento das diversidades históricas que compõem o continente e que contribuem para a expansão de uma identidade cultural menos homogênea, tendo em vista sua origem calcada nas relações existentes entre os povos colonizadores e colonizados. Segundo Machado (1979, p. 27), "[...] as raízes da literatura latino-americana são também as raízes de um continente novo", ou seja, as marcas socialmente enraizadas nesse contexto facilitam e articulam trocas culturais que interferem também na maneira de contar as narrativas reais e ficcionais que fazem parte dessa construção histórica.

A existência dessa multiplicidade de sujeitos, segundo afirma Eduardo de Faria Coutinho (2005, p. 161), professor de Literatura Comparada, evidencia o caráter de "indefinição" que atravessa as origens dos povos latino-americanos. Ou seja, a constituição e os atravessamentos de cada pessoa são únicos e reverberam nas relações existentes dela com o mundo que a cerca. Tendo isso em vista, a produção literária também é impactada por essas dinâmicas de indefinição, pelo fato de que muitas das expressões artísticas transmitem e reproduzem acontecimentos históricos e políticos ocorridos dentro do continente. A construção histórico-cultural, compartilhada coletivamente por muitos países, fez com que a literatura produzida na América Latina fosse reconhecida mundialmente e tenha tido um crescimento elevado com o surgimento de obras que exploram o contexto do continente e estimulam a curiosidade dos leitores.

Surgido na metade do século XX, o "*boom* latino-americano" (Rama, 1984) foi um movimento literário e mercadológico de grande importância para o reconhecimento da expressão literária, considerando as culturas e as distintas experiências e riquezas existentes no contexto cultural e político de diversos países. Abrangendo as décadas de 1960 a 1980, o movimento articula a curiosidade nascida das efervescências e mudanças políticas do período, as quais ampliavam uma visão contra-hegemônica, o que instaura o surgimento do realismo mágico, gênero que pretende mesclar o cotidiano com experiências mágicas que promovem reflexão e transformam a realidade em uma expressão mítica.

A adição de elementos do realismo mágico (Iegelski, 2021), além de enriquecer a narrativa apresentada, usa de metáforas para explorar e ressignificar situações de caráter histórico. É por meio do uso desse recurso que se estabelece uma relação crítica com o contexto político e com a realidade vivenciada pelos escritores. O mágico permite ao autor ludibriar as censuras impostas e, por meio disso, estabelecer críticas e tomadas de consciência perante o conteúdo da narrativa. Para tanto, além da peculiaridade mágica desses romances, outro aspecto essencial para a ampliação ao acesso a tais obras foi a tradução para outros idiomas.

A tradução de grandes obras para outras línguas e a validação delas, segundo Ángel Rama (1984, p. 53, tradução nossa), escritor e crítico uruguaio, "[...] não somente tem a ver com a excelência delas ou sua adaptação a outros mercados, mas também com a repentina curiosidade pela região que alimentou centralmente a revolução socialista cubana"[3]. Referências históricas e sociais são recorrentes em muitas obras escritas por vários autores durante o período do *boom*. Entre eles, podem-se citar o colombiano Gabriel García Márquez, o cubano Alejo Carpentier, o mexicano Carlos Fuentes e muitos outros que, com suas obras, também exploraram o realismo mágico como metáfora para acontecimentos que remetiam às transformações históricas.

[3] No original: "[...] *no sólo tiene que ver con la excelencia de ellas o su adaptabilidad a otros mercados sino también con la repentina curiosidad por la región que alimentó centralmente la revolución socialista cubana*".

Entretanto, por mais que se tenha uma produção literária mais profícua e ampla nesse contexto social, a maioria dos escritores latino-americanos era constituída por homens. As mulheres somente ganharam notoriedade a partir do chamado "pós-*boom* literário" (Salvador, 1995), ocorrido entre a década de 1980 e a de 1990, momento em que, reafirmadas pela sua voz, assumem uma posição e enfatizam o seu papel criativo no âmbito literário. Nesse panorama, surgem vozes femininas como, por exemplo, a da chilena Isabel Allende, que em suas obras tem por objetivo narrar o cotidiano feminino sob um olhar mais subjetivo e familiar.

Ela é responsável pela escrita de mais de 30 obras[4], traduzidas para os mais diversos idiomas. Seu primeiro livro, *La casa de los espíritus*, foi publicado em 1982 e narra a história da família Trueba, composta essencialmente por mulheres de caráter subversivo e um personagem masculino extremamente machista e violento. Clara, Blanca e Alba compõem uma tríade de personagens marcantes e sensíveis. Esteban Trueba é a representação da potência masculina e da valorização de costumes e posições sociais.

O primeiro romance de Allende foi publicado em exílio, em decorrência do golpe militar (Joffily; Águila, 2024) instaurado no Chile em 11 de setembro de 1973 pelo ditador Augusto Pinochet. Por conta disso e do contato familiar com o presidente eleito democraticamente, Salvador Allende, que havia morrido durante a tomada da Casa da Moeda, a escritora decidiu deixar o país. A partir daí, rapidamente se consolidou como uma das maiores escritoras da produção latino-americana, pois suas obras resgatam o realismo mágico, além de acrescentarem elementos de sua própria vida e da história do continente.

As obras de Allende são marcadas por um caráter questionador que explora vivências relacionadas com a autonomia feminina, por meio de um panorama histórico que coloca a mulher em evidência social nas mais variadas situações, como, por exemplo, movimentações políticas e a pressão social por matrimônios. Tudo isso transforma as obras da autora em um reflexo das mudanças sociais ocorridas nos anos em que ela desenvolveu suas narrativas e, segundo Navarro (1995, p. 17), "[...] subverte o tradicional desenvolvimento da história de orientação masculina".

A retomada histórica é uma característica das obras da autora, o que também se dá em um de seus romances mais recentes. *Violeta*, publicado em 2022[5], tem por objetivo apresentar os cem anos de vida da protagonista e como as mudanças sociais impactaram suas vivências durante essa trajetória. O livro é dividido em quatro partes: "El destierro" (1920-1940), "La pasión" (1940-1960), "Los ausentes" (1960-1983) e "Renacer" (1983-2020). Além delas, a obra possui uma dedicatória e um epílogo intitulado "Adiós, Camilo". É por meio desse diário que se acompanham as interações com os demais personagens da narrativa, que são imprescindíveis para a consolidação da subjetividade da protagonista. A obra abrange um século completo, de 1920 até 2020, e utiliza as vivências da personagem para retratar as mudanças de um país sul-americano não definido pela autora, mas claramente inspirado no Chile.

No contato com essas outras subjetividades, a intenção da narradora, Violeta Del Valle, é contar suas memórias por meio de um diário, que começa num contexto marcado pela gripe espanhola e termina durante a pandemia de covid-19. Nesses cem anos de história, a protagonista estabelece contato com outras pessoas que moldam e influenciam a sua identidade. Desde sua mãe, tias e professora até sua filha, diversas são as identidades que a protagonista rejeita ou com as quais se identifica, sendo essas relações essenciais para as tomadas de decisão e de posicionamento no texto.

[4] Informações retiradas do *site* oficial de Isabel Allende: https://www.isabelallende.com/.

[5] Embora a obra tenha sido publicada originalmente em 2022, a edição utilizada neste artigo é de 2023.

Contextualizando a obra *Violeta* com o objetivo de apresentar o cenário histórico no qual ela se desenrola, é essencial observar as mudanças vivenciadas por todo um continente, a América Latina, e o modo como afetaram o Chile. A narrativa, inicialmente, desenvolve um paralelo entre duas crises sanitárias que impactaram a história mundial: a gripe espanhola e a pandemia de covid-19. Além disso, durante o período histórico apresentado na narrativa, os impactos econômicos da Grande Depressão de 1929, as lutas sociais do século XX e a ascensão do feminismo buscando assegurar os direitos políticos das mulheres estavam em crescimento.

Com relação ao âmbito político, durante o período apresentado por Allende a América Latina sofreu com a polarização política, fruto da Guerra Fria, com a interferência internacional de outros países por meio de políticas de silenciamento e com a imposição de ditaduras militares em vários países do continente (Joffily; Águila, 2024). O retrato desse sistema fica claro na ditadura militar no Chile, imposta por Augusto Pinochet. As transformações vivenciadas por Violeta são reflexo das mudanças sociais ocorridas durante esse século, e, sejam elas sanitárias, históricas ou políticas, surtiram efeito nas posições adotadas pela personagem.

Com base no exposto, o objetivo principal deste artigo é explorar como transcorrem os processos de identificação e de rejeição ao longo da narrativa de Allende. É por meio de tais dinâmicas que se pode inferir como a personagem foi moldando e arquitetando sua identidade nos contextos pelos quais transita e como isso impactou positiva e negativamente sua subjetividade. Para que se tenha um entendimento maior sobre as relações existentes entre a protagonista e os demais personagens, eles serão apresentados no decorrer da análise. Esta será fundamentada em conceitos teóricos que exploram as dinâmicas identitárias existentes entre a protagonista e os demais personagens. As posições e os deslocamentos serão apresentados com base nas teorias desenvolvidas por Hall (2022), Laclau (2000) e Scott (2024). As relações de gênero serão abordadas de acordo com as fundamentações de Jodelet (2017), Deifelt (2002), Glenn (2013), que visam contribuir com a exploração das identificações ou rejeições existentes entre as personagens femininas do romance.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A concepção de identidade, conforme exposto pelo sociólogo e estudioso cultural Stuart Hall (2022), não pode ser considerada um produto acabado; suas limitações são impostas e, por vezes, transpostas pelas transformações do sujeito. Ela sofre mudanças oriundas das relações que o indivíduo estabelece no decorrer de sua vida e, por causa disso, é moldada e transformada com o objetivo de se encaixar e fomentar o reconhecimento por pessoas e grupos sociais. É com base nisso que as transformações identitárias modificam e posicionam novos discursos no contexto social.

Joan Scott (2024, p. 75) desenvolveu percepções mais críticas acerca da identidade, insistindo que

> [...] as identidades não preexistem a suas invocações políticas estratégicas, que as categorias de identidade que temos certeza de terem suas raízes em nossos corpos físicos (gênero e raça), ou em nossas heranças culturais (étnicas, religiosas), estão, na verdade, retrospectivamente associadas a essas raízes, não decorrem previsível ou naturalmente delas.

A identidade não se concebe como um produto pronto, ela é condicionada pelas relações políticas estabelecidas por parte do sujeito. As transformações do indivíduo não

podem ser consideradas algo intrínseco a ele, elas representam as consequências dos diversos atravessamentos e mobilizações sociais existentes, que afetam e reestruturam seus posicionamentos. A subjetividade representa algo além de características físicas ou culturais, estando intimamente relacionada com a construção de mundo e com o acesso ou não a estruturas de poder e de validação. A ruptura com modelos já estabelecidos social e politicamente pressupõe mudanças individuais e coletivas.

Tais "deslocamentos", conceito apresentado pelo professor e teórico político argentino Ernesto Laclau (2000), são essenciais para o entendimento das dinâmicas de identificação e rejeição existentes na narrativa de Isabel Allende, principalmente no que diz respeito ao gênero feminino. Os deslocamentos desenrolam-se mediante rupturas e transformações históricas que causam impactos, instauram crises de identidade e desestabilizam discursos patriarcais e normas vigentes na sociedade, como as questões de gênero.

As relações de gênero são delimitadas e condicionadas pela assimilação de estereótipos socialmente cristalizados que instituem as normas de comportamento dos sexos e que, muitas vezes, atuam como reguladores de ordem social. Para que se compreenda a imposição do gênero, é necessário entender o conceito de patriarcado, que, segundo a historiadora Gerda Lerner (2019, p. 390), funciona como

> [...] a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral. [...] sugere que homens têm o poder em todas as instituições importantes.

É por meio disto que a validação da identidade masculina se sobressai diante das outras e, tanto na esfera doméstica quando na pública, sua posição social é também fundamentada: na manutenção dos recursos simbólicos masculinos.

Nesse caso, a padronização existe como maneira de definir as posições de sujeito (Hall, 2022), ou seja, os papéis ocupados pelos gêneros com base em perspectivas hegemônicas e na submissão do gênero feminino às posições e aos discursos patriarcais historicamente enraizados. Tais raízes definem o caráter submisso ocupado pelas mulheres na estrutura social e, conforme exposto por Hall, cristalizado social e culturalmente como lógica de dominância que se reflete nas esferas públicas e privadas.

Inicialmente, é por meio desses discursos e da própria assimilação por parte do sujeito que se observa a perspectiva psicanalítica como primordial para a elucidação da concepção de identificação. De acordo com o psicanalista austríaco Sigmund Freud (2013, p. 98), compreende-se o conceito "[...] como a manifestação mais precoce de uma ligação emocional com outra pessoa", ou seja, por meio dessa relação de espelhamento e reconhecimento do outro por parte da criança. A subjetividade é formada com base nos contatos e nas relações desde a infância, reafirmando e tomando posições em consonância com as preferências e experiências vivenciadas nos círculos cotidianos. Associações, comportamentos, traumas e símbolos são constituídos, na maioria das vezes, por relações de proximidade ou de distanciamento, enfatizando, assim, o fortalecimento de discursos e convenções sociais.

Em virtude das normativas estabelecidas pela estrutura social, historicamente a limitação das identidades femininas era algo esperado e transmitido pelos discursos que faziam parte da sociedade, tendo em vista a fácil manutenção dos propósitos e das necessidades patriarcais. Como aponta a psicóloga francesa Denise Jodelet (2017, p. 27), "as representações sociais estão na história e têm uma história [...]", isto é, a regulação do feminino assentada em normas sociais prevê que a mulher deve ser a encarregada

pela manutenção do lar e da organização familiar, tal como aquelas que inicialmente foram moldadas pelos discursos masculinos e que passaram a reproduzi-los.

Essas representações sociais são carregadas de percepções históricas e transmitem modelos hierarquizantes que afetam a percepção feminina no contexto social acerca de sua própria constituição como sujeito. As posições femininas são ocupadas com base em modelos já construídos e, por conta disso, as subjetividades que diferem do que é imposto são consideradas subversivas e fogem dos padrões esperados pela coletividade, sendo renegadas e consideradas disruptivas pelo sistema.

Os condicionamentos sociais, sejam eles políticos, culturais ou econômicos, frutos das condições impostas pelo meio social, conforme afirma a intelectual Wanda Deifelt (2002, p. 259), "[...] estabelecem os papéis sociais de mulheres e homens [...] a partir de um determinismo biológico, mas a análise das relações de gênero mostra como a cultura determina atitudes frente à biologia". Percebe-se, assim, que as mulheres eram submetidas a padrões discursivos como modo de controle e de submissão, os quais estipulavam e modulavam modelos identitários a serem seguidos e que instauravam um controle patriarcal sobre o corpo e o pensamento delas.

A posição ocupada pelo sujeito feminino sofreu, como destaca a professora e pesquisadora Cecil Jeanine Albert Zinani (2013, p. 58), "[...] mudanças estruturais que estão transformando as sociedades modernas, com a consequente multiplicidade dos papéis sociais e o abalo das identidades pessoais". Com essas mudanças sociais, os deslocamentos identitários permitiram às mulheres que transitassem em diversos ambientes públicos. A aquisição de autonomia, a busca da independência feminina e as mudanças históricas corroboraram discussões sobre a invisibilidade e a necessidade de independência no sistema patriarcal, o que acarretou alterações na identificação com o mundo e com as demais individualidades que o compõem.

Os processos ocorridos na história das mulheres condizem com a necessidade de negar o "eu" imposto como algo fixo pelo meio social. É com base nesse contato com o ambiente universal que a busca por coletividade instaura e molda representações simbólicas, comportamentais e culturais diversificadas. Assim, os espaços ocupados por essas subjetividades correspondem aos contextos nos quais elas estão inseridas, o que pode resultar em dinâmicas de identificação ou de diferenciação. Segundo a professora e socióloga Kathryn Woodward (2014, p. 40), "a identidade *depende* da diferença", isto é, a construção e os deslocamentos da identidade são baseados nas suas relações de proximidade ou de distanciamento de símbolos e estereótipos que circulam no campo discursivo-social.

As identidades que constituem o cosmo social das mulheres na narrativa de Allende podem representar diferentes estereótipos e condicionar linhas de pensamento e de atuação. As condições representadas por um ideal tradicional e cristalizado são condizentes com normas, padrões comportamentais e estéticos julgados e mantidos pela estrutura masculina. Já os modelos de feminilidade subversivos adotam um posicionamento autônomo, independente e menos suscetível às imposições do gênero e da sociedade. Tendo isso em vista, os conceitos de identificação e diferenciação tornam-se essenciais para a compreensão dessa identidade em movimento que se relaciona com os modelos e os assimila ou rejeita.

Conforme aponta Hall (2022, p. 24),

> [...] deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior [...].

As interações entre os diversos sujeitos promovem mudanças identitárias que constituem e reforçam as posições com as quais eles se identificam. Dessa forma, as identidades são permeadas por percepções e discursos que fomentam e legitimam suas relações com o mundo. Os processos de identificação são contínuos no meio social, ou seja, a subjetividade do sujeito está continuamente em transformação em virtude do contato com o contexto no qual ela está inserida.

As posições ocupadas e vivenciadas pelas mulheres ao longo da história reiteram a afirmação apresentada por Laclau (2011, p. 56): "[...] não posso afirmar uma identidade diferencial sem distingui-la de um contexto, e, no processo de fazer uma distinção, afirmo o contexto simultaneamente". Ou seja, expressa-se a ideia de que a identidade, em sua concepção diferencial das demais, não é algo que se encontre distante dos sistemas discursivos vigentes. Ela pode ser considerada um produto que se diferencia do contexto existente, mas que também não existiria sem ele, ou seja, reflete um duplo significado.

A dualidade complementar – identificação e rejeição –, presente nas relações identitárias e nas condições socialmente determinadas, está relacionada com os processos de fragmentação do sujeito (Hall, 2022). As condições que o tornavam estático no campo de significados e discursos da sua realidade foram complementadas por diferentes posições baseadas em leituras e interpretações de mundo. No caso do romance *Violeta* (Allende, 2022), os deslocamentos experienciados pela protagonista estão diretamente relacionados ao contínuo embate entre a aceitação e a negação, o que demarca, principalmente, questões referentes aos papéis de gênero.

> [...] a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença* (Hall, 2022, p. 16).

A condição imposta inicialmente à protagonista do romance é de sujeição ao sistema patriarcal, que estipula necessidades e propósitos para ela, enfatizando o seu estado de condicionamento e de dependência emocional e financeira. Diferenciando-se dos padrões socialmente enrijecidos que eram esperados da mulher no começo do século XX, da concordância com modelos já conhecidos e facilmente manipulados, a personagem representa uma mudança, ao ter contato com outras perspectivas sociais mediante relações firmadas com cenários e discursos políticos. Com a aquisição de autonomia e de uma certa consciência política, Violeta estabelece contato com diferentes mundos políticos que impactam e fragmentam a sua identidade e concebem modificações significativas em seu pensar.

A reconfiguração da subjetividade feminina ocorre por causa da necessária busca pelo olhar do outro, retomando, assim, a teoria acerca da identificação apresentada por Freud (2013) em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu*. O outro é, assim, entendido como um modelo, um objeto que simboliza e representa identificações: "[...] ocorre muitas vezes que a escolha do objeto se transforme outra vez em identificação, ou seja, o eu toma para si as qualidades do objeto" (Freud, 2013, p. 101). Esse ganho de reconhecimento fundamentado no outro estipula e espelha laços, comportamentos, ações que reproduzem discursos, imaginários e ideais de pertencimento.

Busca-se, por intermédio da identificação e do afastamento, considerar esses espaços discursivos como algo organizado com base nas relações de coletividade, nas quais um grupo se reconhece e desconhece dos demais por diferenças de posicionamento; ou seja, a necessidade de pertencer é essencial para o ser humano, que desde a infância busca o outro como modelo a ser seguido ou não. É na busca por identificação que o

sujeito estabelece relações de aproximação e de aceitação em determinados espaços de validação social.

Os modelos existentes fomentam a identificação e a rejeição, pois é com base neles que se constitui um dos pontos consideráveis condizentes com a lógica do pertencimento. Segundo o professor e pesquisador Dionei Mathias (2023, p. 167), a necessidade de pertencimento "[...] trata-se de um anseio que parece caracterizar a condição humana, tendo seu início na relação entre mãe e bebê e que se repete infinitamente nas diferentes modalidades de interação [...]". O indivíduo procura a aceitação como forma de se autoafirmar e se reconhecer como parte de uma coletividade e, com essa realização, se adaptar às mudanças políticas e sociais.

A criação discursiva, alinhada às normas de gênero existentes e manipuladas pelo sistema, faz com que o sujeito busque estar em posições hegemônicas e privilegiadas e, apoiado nisso, a identificação com esses modelos condiciona-o a pressões sociais por adaptação. O sentimento que envolve as dinâmicas de pertencimento é fruto de construções coletivas e individuais operadas e adaptadas pelo contexto. É com base nos diversos deslocamentos pelos quais o sujeito transita que se organizam suas concepções de mundo e sua própria subjetividade perante as mudanças históricas que compõem a realidade.

Como disserta o sociólogo chileno Pedro Güell (2011, p. 154), "o valor de cada identidade e pertencimento cultural específico deve ser medido, portanto, em relação à ampliação da capacidade de escolher identidades e distanciar-se, ou de compor novas identidades a partir de fontes diversas". Na obra *Violeta* (Allende, 2022), a protagonista desloca sua identidade com o intuito de se encaixar e desafia as normas impostas ao gênero pelo sistema patriarcal. Alicerçada nas teorias apresentadas, a análise da trajetória da personagem reflete as identificações e diferenciações existentes que constituem sua história, permitindo-lhe ponderar, adaptar-se e ressignificar as mudanças ocorridas em seu campo social.

MODELOS IDENTITÁRIOS: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E REJEIÇÃO

A narrativa desenvolvida por Isabel Allende tem por objetivo explorar a vida da protagonista Violeta e, com fundamento nesses cem anos, considerar as mudanças históricas e políticas que influenciaram a subjetividade da personagem e transformaram sua percepção e entendimento do mundo. As identidades das demais personagens que aparecem no decorrer da obra são essenciais para perceber as dinâmicas de identificação e de rejeição estabelecidas nessas relações.

As várias imposições sobre a identidade de Violeta refletem os modelos femininos hegemônicos que limitam a personagem no romance. As figuras ao seu entorno influenciam sua condição como sujeito e sua percepção sobre o papel ocupado pelas mulheres nas esferas pública e privada. Tais convenções e pressões sobre os padrões tradicionais de comportamento evidenciam como as normas restringem sua autonomia e independência financeira e emocional. O domínio patriarcal sobre os corpos e sobre a autonomia feminina molda as necessidades e os posicionamentos das mulheres, por meio de discursos legitimados pela sociedade e pelas instituições do campo social. A condição feminina respalda-se na forma como o patriarcado dispõe as normas de gênero e em como isso poderia impactar o poder e a potência do sujeito masculino perante as mudanças dos papéis sociais e o acesso feminino a espaços outrora masculinizados. Retomando o conceito de identificação em Freud (2013), a personagem espelha-se, desde a infância, em subjetividades femininas condicionadas pelo sistema patriarcal, como no caso de sua mãe, María Gracia, e de suas tias. A percepção da protagonista sobre a

realidade materna leva-a a refletir sobre a situação feminina no matrimônio e como esta pode comprometer a saúde física e emocional, tal qual a própria mãe. A visão machista converte a mulher em um objeto condicionado às normas sociais cristalizadas e servil ao bem-estar familiar, de modo a consolidar sua posição abnegada.

No caso de María Gracia, que teve gravidezes bem-sucedidas e vários abortos, ela é vista como um indivíduo que depende dos filhos e do ambiente doméstico para alcançar sua completude. Observa-se que, segundo a teórica francesa Simone de Beauvoir (2009, p. 642), "[...] a dependência é interiorizada". O modelo feminino a ser seguido é aquele que, acostumado à posição de inferioridade, é guiado pelas necessidades matrimoniais. No caso da mãe da protagonista, pouco importavam as cicatrizes físicas e emocionais, pois o primordial era a constituição do lar e a configuração familiar.

Cada nova gestação "[...] a incapacitava durante meses e cada nascimento a deixava esgotada e melancólica por muito tempo […]. Em teoria, amava seus filhos, mas na prática preferia mantê-los a uma confortável distância" (Allende, 2023, p. 16, tradução nossa)[6]. As marcas físicas e emocionais impõem à mãe da protagonista um papel de subjugação dentro da família. Por conta disso, ocorre um distanciamento emocional entre os filhos e a própria Violeta, única menina da família. O distanciamento de María enfatiza o cansaço advindo dos encargos matrimoniais, os traumas decorrentes de partos e abortos e, principalmente, a invisibilidade acerca dos sentimentos e das disposições sociais impostas ao sexo feminino.

O distanciamento entre Violeta e sua mãe é marcado por convenções em que "[...] senhoras como María Gracia [...] não amamentavam aos seus descendentes, era de péssimo gosto" (Allende, 2023, p. 32, tradução nossa)[7]. A protagonista reforça esse afastamento ao referir-se à genitora pelo nome próprio, evidenciando a falta de contato desde o nascimento e a fragilidade dos vínculos, uma vez que a amamentação era socialmente desestimulada pelas elites dominantes da época em que a obra se passa. Demonstrações como essa eram vistas e interpretadas como vulgares e não condiziam com a postura esperada de uma mulher em sociedade. Hoje, o que a professora e pesquisadora Maureen Murdock (2022, p. 152) afirma é que se trata de "desequilíbrio de valores", ou seja, a atribuição estava relacionada com os papéis assumidos e relegados às mulheres. Assim, a identificação e o reconhecimento entre ambas ficam comprometidos pelo vácuo físico e emocional que as separa e que é encorajado pela estrutura social.

A relação com a figura materna fica prejudicada e, por conseguinte, as responsabilidades são atribuídas às tias de Violeta, Pía e Pilar. Ambas representam estereótipos distintos de mulher: a primeira manteve-se de luto pela morte do noivo, enquanto a segunda acreditava ter nascido com o sexo errado por não se encaixar nos padrões exigidos. Por intermédio delas, a protagonista reconhece diferentes modelos identitários e padrões de feminilidade, buscando em seu entorno figuras em que possa ou não se espelhar. No caso da mãe e das tias, embora representem subjetividades distintas, a protagonista não se conforma com as realidades às quais elas estão subjugadas.

As dinâmicas de identificação e rejeição ocorrem em um contexto no qual Violeta, enquanto criança rodeada por adultos e irmãos, carecia de um modelo feminino que possibilitasse o espelhamento. Tal ausência dificultava seu reconhecimento, individualidade

[6] No original: "[…] *la incapacitaba durante meses y cada nacimiento la dejaba agotada y melancólica por mucho tiempo* […]. *En teoría, amaba a sus hijos, pero en la práctica prefería mantenerlos a una confortable distancia*".

[7] No original: "[...] *señoras como María Gracia* [...] *no amamantaban a su descendencia, era de pésimo gusto*".

e independência, visto que, por causa dessa falta, "[...] mimaram até quase me arruinarem o caráter" (Allende, 2023, p. 33, tradução nossa)[8]. Diante da escassez de referências familiares, percebe-se a necessidade de um modelo que promova a identificação e influencie significativamente na autonomia e na subjetividade da protagonista.

A necessidade de um modelo identitário leva a família de Violeta a contratar uma preceptora, Josephine Taylor, responsável pela educação e etiqueta da protagonista. A relação estabelecida com Miss Taylor oportuniza um contato mais amplo com outras áreas do conhecimento, e, além disso, as normas sociais apresentadas por ela possibilitam à Violeta adequar-se ao papel previsto para o gênero feminino. Essas novas experiências desenvolvem competências intelectuais e emocionais que serão fundamentais para a compreensão de aspectos tanto da vida íntima quanto profissional.

A identificação entre ambas reverbera ao longo da narrativa como primordial para o desenvolvimento da autonomia e da independência da protagonista. A dinâmica entre as personagens evidencia-se no momento em que os resultados "[...] foram tão espetaculares que em pouco tempo o monstro [...] estava convertido em uma menina normal que seguia a preceptora por todas as partes [...]. Tal como diagnosticou meu pai, eu tinha passado cinco anos suplicando que me dessem uma estrutura" (Allende, 2023, p. 38, tradução nossa)[9]. A relevância dessa proximidade ressalta a carência prévia de modelos femininos estáveis, fundamentais para que a protagonista desenvolvesse sua subjetividade.

As capacidades adquiridas alicerçam mudanças psicológicas e emocionais que facilitam a conquista de autonomia por parte da protagonista. Além desses conhecimentos, Violeta consolida, por intermédio de Miss Taylor, a prática de escrever diários, hábito conservado por toda a vida e fundamental para a formação de sua identidade. A conexão com um modelo feminino no contexto doméstico forja também um vínculo com os deslocamentos políticos e sociais apresentados pela preceptora, promovendo o contato inicial de Violeta com os movimentos feministas e com as demandas pela liberdade feminina defendidas por Josephine.

A interação da protagonista com os discursos refletidos pela professora faz com que os movimentos feministas e o contato com Teresa Rivas, personagem feminista e, posteriormente, interesse romântico de Miss Taylor, impactem, mesmo que indiretamente, a maneira como Violeta percebe as mudanças subjetivas e físicas em sua preceptora. Além disso, esse contato destaca as transformações históricas do período. A partir da convivência com Rivas, Josephine começa a transformar seu modo de vestir, aderindo a roupas mais modernas que, para a sociedade patriarcal da época, eram consideradas abomináveis. A limitação de símbolos masculinos e femininos considera padrões e normativas que cristalizam ideais de exclusão e de sujeição.

Fugir a esses padrões impostos correspondia a uma subversão dos estigmas sociais exigidos para as mulheres e, por conseguinte, a protagonista questiona a aceitação desse novo modelo apresentado por Miss Taylor. As decisões da preceptora representam uma quebra de perspectiva também para Violeta, que reconhece aquela conduta como algo que seria reprovado por seus pais, por justamente não se enquadrar nos moldes esperados para uma mulher. Mais ainda, tratava-se de uma professora que teria por obrigação servir como um exemplo socialmente aceito dentro do padrão vigente.

[8] No original: "[...] *mimaron hasta casi arruinarme el carácter*".

[9] No original: "[...] *fueron tan espectaculares que al poco tiempo el monstruo* […] *estaba convertido en una niña normal que seguía a la institutriz por todas partes* […]. *Tal como diagnosticó mi padre, yo llevaba cinco años suplicando que me dieran estructura*".

Ao ter contato com essas novas perspectivas, Violeta reconhece na professora a autonomia necessária para se identificar com novos deslocamentos sociais e identitários. É por meio dessa percepção acerca da realidade que se percebem as assimetrias entre as normas vigentes e a subjetividade individual, impactando tanto a aceitação quanto a rejeição de modelos estabelecidos. Com isso, a protagonista nota como as relações interpessoais podem abalar ideais e concepções de mundo, além de modificar modelos identitários. Esse processo possibilita o reconhecimento de coletivos que compactuam com os mesmos princípios, como é o caso dos movimentos feministas dos quais Teresa Rivas e Josephine Taylor participam.

Novos deslocamentos identitários, de caráter político e econômico, surgem, por causa da desestruturação familiar decorrente da crise de 1929 e do suicídio do pai da protagonista. Violeta e sua família mudam-se para o interior. O local onde passam a residir é propriedade de Abel e Lucinda, pais de Teresa Rivas, que trabalham como professores em comunidades carentes. Como a protagonista teve acesso à educação por meio de Miss Taylor, os Rivas decidem que ela deve transmitir o que aprendeu, permitindo ressignificar seus conhecimentos e compartilhá-los com quem não teve as mesmas oportunidades.

Ao ter seus privilégios prejudicados pela crise econômica, Violeta desenvolve uma relação de proximidade com os Rivas. Isso demonstra como a função social estabelecida por meio desse contato possibilita à protagonista adquirir vivências que ressignificam as dificuldades impostas pela situação econômica. A identidade, por meio do caráter político, não só de Violeta, mas também de suas tias, é moldada por experiências que elas não tinham no meio urbano, justamente por conta dos seus acessos e benefícios. Longe da cidade, Pía e Pilar ressignificam seus papéis a fim de encontrar, naquele cotidiano, funcionalidades e valorização para os conhecimentos adquiridos e amplificados pelo contato com o interior e com outras culturas.

Ao considerar as mudanças experienciadas pelas mulheres ao seu redor, Violeta encontra-se em um espaço de novos deslocamentos e expansão de sua identidade por meio deles. Assimila, desse modo, a condição de um sujeito em transformação, deixando de ser um indivíduo silenciado. Entretanto, mesmo que as condições facilitem o contato e o espelhamento com outros personagens, o vínculo materno desejado ainda permanece em um estado de indiferença e melancolia.

A narradora discorre: "[...] as recordações que tenho de minha mãe são menos precisas que as que tenho com outras pessoas com quem cresci, como minhas tias, Torito, Miss Taylor e os Rivas" (Allende, 2023, p. 100, tradução nossa)[10]. Embora Violeta rejeite os padrões de gênero impostos à sua mãe, o distanciamento entre as duas impossibilita uma identificação. Além disso, por estar em um ambiente composto majoritariamente por adultos, a protagonista não estabelece interações com sujeitos de idade próxima à sua, o que impacta suas experiências de socialização fora do ambiente familiar.

> [...] cada identidade reflete outra identidade, desaparecendo qualquer possibilidade de se estabelecer um fundamento originário para cada uma delas. Este jogo de reflexões [...] que estrutura as relações sociais é mantida pela atividade dos indivíduos, de tal forma que é lícito dizer-se que as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social ao mesmo tempo que reagem sobre ela, conservando-a ou a transformando-a (Ciampa, 1989, p. 67).

[10] No original: "[...] *los recuerdos que tengo de mi madre son menos precisos que los de otras personas con quienes crecí, como mis tías, Torito, miss Taylor y los Rivas*".

Conforme discorre o psicólogo Antonio da Costa Ciampa (1989), a identidade é moldada com base nas relações cotidianas do sujeito, ou seja, ela funciona como um reflexo da realidade social na qual o indivíduo se encontra. A família da protagonista, por estar em um ambiente distante da cidade, acaba por se limitar em relação ao mundo exterior, o que impossibilita à Violeta estabelecer processos de identificação com outras realidades e sujeitos. O fato de ela não ter contato com outros grupos sociais, além do âmbito familiar, impede-a de vivenciar novos deslocamentos e ressignificar experiências, impactando diretamente na sua identidade.

As identidades com as quais a protagonista mantém contato são constituídas por meio de discursos que buscam moldar o sujeito feminino com base em estereótipos e crenças, contudo Violeta reconsidera os deslocamentos existentes naquele meio: "Tive claro desde menina que minha mãe e minhas tias pertenciam a uma época passada, não as interessava o mundo exterior nem nada que sacudisse suas crenças, mas aprendi a respeitá-las" (Allende, 2023, p. 102, tradução nossa)[11]. A visão conformista apresentada pelas mulheres de sua família denota a existência de padrões e modelos femininos rígidos, o que transforma a percepção da protagonista perante a condição da mulher.

O único contato com o mundo exterior, além do âmbito familiar, dá-se pela presença de Miss Taylor e Teresa Rivas. Embora tenham uma participação menor em sua vida, ambas fazem com que a jovem reformule sua alteridade e compreenda as pressões existentes naquele contexto. Como sua subjetividade está limitada àquele círculo restrito, Violeta não tem acesso ao mundo de experiências juvenis, tornando as descobertas sexuais e amorosas praticamente inexistentes. Em razão dessa inexperiência, ao travar seu primeiro contato com o sexo oposto ela é facilmente induzida ao casamento com Fabian Schmidt-Engler. Ou seja, mesmo que ela consiga compreender as mudanças culturais acerca do papel feminino, tendo por base sua professora, ainda assim é condicionada aos padrões de gênero.

A pressão exercida por sua família faz com que Violeta busque no casamento uma dinâmica de aceitação e pertencimento social dentro da família do esposo, contudo a protagonista descreve: "Nos recebeu o esquadrão feminino dos Schmidt-Engler em formação: a mãe, as irmãs e cunhadas [...]. Se me casasse com Fabian, não contribuiria nada com o plano econômico, além de se destacar como uma mancha entre eles" (Allende, 2023, p. 118, tradução nossa)[12]. O distanciamento entre a família de "arianos puros" do rapaz e a protagonista dá-se porque a identidade deles é pautada em estruturas condicionadas a padrões patriarcais e de superioridade, o que afasta Violeta de qualquer possibilidade de independência pessoal ou financeira.

Apesar da identidade de gênero compartilhada, um abismo socioeconômico e cultural separa Violeta do núcleo familiar dos Schmidt-Engler. A protagonista é vista como uma "estrangeira" naquele ambiente, onde o estranhamento mútuo demarca uma fronteira intransponível entre ela e as outras mulheres da família. Tal exclusão é agravada pelo descompasso temporal e social das elites locais; como a própria narradora assinala, as mulheres de seu círculo não trabalhavam e viviam com "várias décadas de atraso" (Allende, 2023, p. 146). Assim, a inserção de Violeta nesse novo corpo social não gera pertencimento; ela não encontra identificação com nenhuma das partes da nova família, tendo em vista que essas identidades compactuam com as restrições históricas impostas ao sexo feminino.

[11] No original: "*Tuve claro desde chica que mi madre y mis tías pertenecían a una época pasada, no les interesaba el mundo exterior ni nada que sacudiera sus creencias, pero aprendí a respetarlas*".

[12] No original: "*Nos recibió el escuadrón femenino de los Schmidt-Engler en formación: la madre, las hermanas y cuñadas* [...]. *Si me casaba con Fabian, no aportaría nada en el plano económico, además de destacar como una mancha entre ellos*".

Esse contexto social, pautado por normas patriarcais e condições restritivas, torna-se o catalisador de uma insatisfação profunda com a sujeição ao casamento. É justamente por meio desse desconforto e da ausência de identificação com os modelos vigentes que a protagonista inicia um processo de busca por novas experiências sexuais e profissionais. Esse movimento de libertação é permeado pela descoberta da própria sexualidade e pelo confronto direto com as amarras sociais que ditavam o comportamento amoroso e sexual da época, transformando a opressão em impulso para a busca por ressignificação e pertencimento.

Além da dificuldade de pertencer ao novo ambiente familiar, Violeta é impactada pela morte de sua mãe e pelas lembranças do vínculo distante que caracterizava sua relação com María Gracia. O processo de identificação com a figura materna também constitui uma busca por aceitação e conexão entre ambas. Após o falecimento de María Gracia, a protagonista reitera em sua narração as dificuldades de manter uma proximidade real com a mãe e de tornar o vínculo entre as duas palpável, sem o distanciamento imposto pela melancolia e pela mágoa.

> Pensava nela com frequência com a mão no peito, examinando os anos que esteve em minha vida e reprovando sua melancolia, que não me havia querido o suficiente e que havia feito tão pouco para nos aproximarmos. Estava irritada pela oportunidade que perdemos como mãe e filha (Allende, 2023, p. 132, tradução nossa)[13].

A relação entre Violeta e María Gracia é marcada por um distanciamento afetivo que culmina em mágoa, privando a protagonista da relação com a mãe. Essa lacuna torna-se evidente na forma como Violeta se refere à figura materna, o que sinaliza uma cicatriz profunda nessa interação. Tal cenário ilustra o que se conceitua como "ruptura mãe/filha" (Murdock, 2022), em que duas partes ligadas pelo laço maternal divergem e se tornam estranhas entre si. As duas personagens têm dificuldade em demonstrar afeto justamente por conta da indiferença da mãe e da ausência de demonstrações de carinho. Isso acentuou e moldou uma relação distanciada pelas necessidades emocionais de cada uma.

O abismo emocional entre as duas personagens só encontra resolução por meio de um evento místico: a visão do espírito da mãe que havia falecido. Esse momento de anormalidade permite que Violeta acesse sentimentos outrora ofuscados pela mágoa, conforme descreve ela: "Comecei a chorar sem controle, e essa torrente de lágrimas foi me lavando por dentro, até que nada ficou do rancor, da culpa e das más recordações" (Allende, 2023, p. 132, tradução nossa)[14]. O choro, inicialmente contido pela natureza árida da relação, transborda para lavar o ressentimento, ressignificando a ruptura estabelecida (Murdock, 2022). Assim, a subjetividade de Violeta é reelaborada, transformando o antigo sentimento de apatia e mágoa em afeto e saudade.

Do mesmo modo como acontece entre Violeta e María Gracia, uma dinâmica similar repete-se na relação com a filha de Violeta, Nieves. Ambas foram distanciadas por maquinações e manipulações machistas decorrentes do relacionamento violento da protagonista com Julián Bravo. Nieves molda suas idealizações de mundo com base na

[13] No original: "*Pensaba en ella a menudo con un puño en el pecho, examinando los años que estuvo en mi vida y reprochándole su melancolía, que no me hubiera querido lo suficiente y que hubiera hecho tan poco por acercarnos. Estaba enojada por la oportunidad que perdimos como madre e hija*".

[14] No original: "*Me eché a llorar sin control, y ese torrente de lágrimas me fue lavando por dentro hasta que nada quedó del rencor y la culpa y los malos recuerdos*".

figura paterna, tornando Bravo um sinônimo de heroísmo e identificação, o que cria um laço de animosidade para com a mãe. Esse distanciamento só é superado mediante a ressignificação da ruptura entre mãe e filha, promovendo a aproximação e a mútua aceitação entre elas.

Ao rejeitar os laços com a figura materna, a filha "[...] quer se identificar com o *glamour*, o prestígio, a autoridade, a independência e o dinheiro controlados pelos homens [...], a aprovação da mãe não importa tanto; o pai define o feminino" (Murdock, 2022, p. 49). No romance, Violeta e Nieves têm suas alteridades subjugadas pela imposição masculina, contudo, mesmo que a protagonista tente aproximar-se, a filha a afasta, por encontrar no pai uma identificação mais forte. Tal aliança, todavia, é construída com base na liberdade excessiva e perigosa que ele lhe oferece, o que mascara a natureza manipulativa da relação.

A liberdade excessiva concedida pelo pai culminou no vício em drogas de Nieves, que, como forma de manter a dependência química, buscou na prostituição uma maneira de financiar sua adicção. O período de internação em uma clínica de reabilitação, no entanto, abre espaço para que Violeta restabeleça a conexão com a filha, reconstruindo os laços outrora rompidos. Essa aproximação inevitavelmente tensiona a dinâmica familiar, demonstrando o comportamento machista de Julián Bravo no convívio com as demais personagens no contexto doméstico.

O enlace entre as duas personagens dá-se em virtude do desaparecimento de Nieves, que, estando grávida, encontra em sua mãe acolhimento e aceitação, ao contrário da relação conflituosa estabelecida com o pai. O momento de aproximação entre mãe e filha concretiza-se no reencontro de ambas: "Nieves nos aguardava, e ao ver-me correu para abraçar-me como não havia feito em uma eternidade. «Mamãe, mamãe…», repetia. Por um momento retrocedeu à infância e voltou a ser a menina mimada que se sentava em minha saia" (Allende, 2023, p. 251, tradução nossa)[15]. Nesse instante, a compreensão dos laços entre as duas personagens e a consolidação da identificação ocorrem por meio dos sentimentos de afeto existentes e das relações sociais estabelecidas dentro do vínculo familiar.

Como as condições familiares anteriores impossibilitavam que Violeta e Nieves explorassem seus sentimentos e dialogassem sobre eles, a necessidade de afeto fica clara pela relação afetuosa entre as duas naquele momento. Nieves, ao lado da mãe, sente-se protegida, por conta da extrema vulnerabilidade trazida pela gravidez. Nesse momento Violeta narra: "[…] pude por fim restabelecer com minha filha o carinho que tinha se esfarelado pelo caminho. Compartilhar a cama com ela, no começo um pouco inibida, porque fazia muitos anos que não tínhamos contato físico" (Allende, 2023, p. 255, tradução nossa)[16]. Um simples ato de compartilhar algo tão íntimo demonstra como aquele espaço era seguro, representando o encadeamento de sentimentos e ações que antes foram mitigados pela presença de Julián e por sua violência.

A perda precoce de Nieves não interrompe o vínculo entre mãe e filha, pelo contrário, impulsiona Violeta a um estágio profundo de "descida para a Deusa" (Murdock, 2022), ou seja, uma "descida" que promove aproximação entre a mulher e os sentimentos e valores femininos por meio do contato com sua subjetividade e intimidade.

[15] No original: "*Nieves nos aguardaba, y al verme corrió a abrazarme como no había hecho en una eternidad. «Mamá, mamá…», repetía. Por un momento retrocedió a la infancia y volvió a ser la niña mimada que se sentaba en mi falda*".

[16] No original: "[…] *pude al fin restablecer con mi hija el cariño que se nos había desmigajado por el camino. Compartí la cama con ella, al principio algo cohibida, porque hacía muchos años que no teníamos contacto físico*".

Com base no exposto, é no reconhecimento da culpa pelo afastamento de Nieves que Violeta aceita o papel de cuidar do neto (Camilo), para compensar o afastamento para com sua filha, o qual foi causa de tamanha perda e mágoa.

O momento de luto transforma-se em espaço de diálogo, no qual a protagonista finalmente rompe o silêncio acumulado por anos de distância: "Estive com a minha filha, as duas sozinhas, conversando, e pude dizer-lhe por fim o que não lhe dissera em vida [...], pedir-lhe perdão pelos pecados de omissão e negligência" (Allende, 2023, p. 260, tradução nossa)[17]. Ressalta-se que esse reconhecimento íntimo atua como ressignificação emocional, fazendo com que a maternidade e o feminino sejam reconciliados por meio do perdão. Nesse processo de despedida Violeta se apropria, definitivamente, do papel afetivo, mas também social, que a filha lhe atribui, preenchendo as lacunas sentimentais e culturais com o cuidado para com o neto.

A relação de identificação ocorre na medida em que a vulnerabilidade de Nieves valida o zelo materno e consolida o feminino da narradora. A aproximação de Violeta com sua própria subjetividade ganha um novo fôlego com a chegada de Camilo, cuja presença atua como uma extensão do vínculo com a filha. O relacionamento com o neto representa uma identificação renovada com Nieves e funciona como uma mediação afetiva que reinterpreta as marcas deixadas pelas relações familiares.

Percebe-se, então, que as relações de identificação e rejeição da protagonista do romance foram imprescindíveis para a consolidação de sua subjetividade e de seus deslocamentos identitários. Essas dinâmicas foram essenciais para o entendimento do mundo à sua volta e de como a sociedade dita e prevê padrões hegemônicos e políticos de feminilidade. Com base nisso, Violeta foi impactada diretamente por seus posicionamentos sociais. Os deslocamentos, frutos políticos do período, consolidaram-se por meio do amadurecimento da protagonista e pelo contato com outras personagens que representavam deslocamentos positivos e uma profunda compreensão sobre o lugar social ocupado pela mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de identificação e rejeição são determinantes para consolidar as transformações de identidades. É por meio delas que o sujeito compreende os discursos em seu entorno e reconhece, no seu cotidiano, as influências destes. A identificação surge como um ato de aproximação e de pertencimento, por meio do qual se reconhecem no outro os deslocamentos que habitam também o contexto social presente. Já a rejeição fundamenta-se em uma ideia de diferenciação, na negação de padrões estéticos e comportamentais que divergem dos impostos pela sociedade.

Desde a infância a criança estabelece elos com os indivíduos que constituem o ambiente familiar, e, com base nele, formam-se os primeiros vínculos afetivos. No caso do romance de Isabel Allende, Violeta sofre com o distanciamento por parte da mãe, o que gera um sentimento de mágoa entre as personagens. Não existe uma identificação imediata, pois o contato íntimo entre as duas nunca foi significativo, em virtude do contexto e dos sentimentos maternos. Essa distância é encerrada apenas quando a protagonista ressignifica a morte e reconhece na mãe parte da sua própria subjetividade.

As tias de Violeta, Pía e Pilar, representam modelos identitários que, condicionados aos padrões de gênero, ao luto ou à inadequação, refletem padrões com os quais

[17] No original: "*Estuve con mi hija, las dos solas, conversando, y pude decirle por fin lo que no le dije en vida [...], pedirle perdón por los pecados de omisión y negligencia*".

Violeta não se identifica. A rejeição das normas retratadas naquele ambiente e a não identificação com os estereótipos femininos presentes fazem com que a protagonista não consiga espelhar comportamentos nem reconhecer vínculos afetivos dentro do contexto familiar. Em razão desse cenário, sua subjetividade fica condicionada à falta de autonomia e independência, o que leva à contratação de Josephine Taylor, uma professora inglesa, para educar a menina, e a esta é fornecido um novo modelo de identificação.

Miss Taylor atua como o principal modelo identitário para a protagonista, que vê na professora deslocamentos com os quais se identifica e passa a observar isso em seu entorno. Tal identificação se dá pela demanda por uma referência feminina dentro do contexto familiar, o que é essencial para a consolidação emocional de Violeta, que busca orientação e autonomia. Josephine, contudo, além de fornecer normas comportamentais distintas, também representa o apelo pela diferença, ao demonstrar posicionamentos que não se alinham aos discursos exigidos pela sociedade patriarcal.

O contato com Miss Taylor possibilita a Violeta que também conheça Teresa Rivas, interesse romântico de Josephine, e os pais de Teresa, que trabalham como professores em uma região rural do país. Em razão disso, o contato com o ato de ensinar faz a protagonista desenvolver em si relações de proximidade, estabelecendo, a partir de então, condições de autonomia e independência ao colocar-se como agente transformadora de uma realidade.

Ao mudar-se para o interior, Violeta estabelece contato íntimo com a família de Fabian Schmidt-Engler, personagem com quem mais tarde vai casar-se, contudo a relação entre os dois torna-se instável por causa das pressões de gênero exercidas pelas mulheres que compõem esse círculo. Em razão disso, o convívio torna-se distante e as figuras femininas afastam-se por conta de uma mútua rejeição identitária. Violeta sente-se excluída por não pertencer àquele ambiente; em outras palavras, sua subjetividade é limitada, o que promove um deslocamento em busca de pertencimento e de autonomia pessoal e profissional.

A dinâmica de identificação e rejeição mais importante na narrativa apresenta-se no relacionamento entre Violeta e sua filha, Nieves. A relação entre as duas é demarcada pelo afastamento (causado pela dominância masculina) e pela aproximação (em decorrência de uma gravidez). Violeta e Nieves, antes afastadas pelo contato da segunda com as noções de liberdade e heroísmo representadas por Julián Bravo, conectam-se por meio da ressignificação afetiva entre as duas. Essa relação social-afetiva transcorre por conta do nascimento de Camilo, filho de Nieves, que após a morte precoce da mãe se torna para Violeta uma extensão de sua filha e do sentimento reconciliado e perdoado.

A consolidação dos processos de identificação de Violeta para com outras personagens femininas foi essencial para que se estabelecesse, com base nisso, uma relação de pertencimento por meio da afeição e da compreensão. A relação de pertencimento promove a ideia de que a coletividade simboliza concordância e aceitação dentro do sistema social, sendo transformadora para os deslocamentos identitários pelos quais a personagem transita ao longo da narrativa. O pertencimento é fundamental para a formação de um sujeito, a fim de que possua vínculos sociais e afetivos e que, com base nisso, consiga desenvolver sua própria subjetividade.

Assim, a identificação e a rejeição de modelos identitários representam, em *Violeta*, mudanças que possibilitam a negação de padrões socialmente impostos e o contato com discursos que refletem transformações históricas para a mulher, tanto individual quanto coletivamente. É por meio da relação com o meio social que a protagonista compõe sua identidade e transita entre os deslocamentos representados pelas personagens ao seu redor. A interação com as demais figuras femininas favorece a ressignificação de decisões e a manutenção de laços significativos para o entendimento da realidade, dos sentimentos e da própria construção de Violeta como sujeito.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. **Violeta**. Miami: Penguin Random House Grupo Editorial; Vintage Español, 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. *In*: LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COUTINHO, Eduardo de Faria. América Latina: o móvel e o plural. *In*: RESENDE, Beatriz (org.). **A literatura latino-americana do século XXI**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

DEIFELT, Wanda. O corpo e o cosmo. *In*: TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali Mendes de; EGGERT, Edla. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002. p. 255-270.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Tradução do alemão de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GLENN, Evelyn Nakano. The social construction and institutionalization of gender and race: an integrative framework. *In*: FERGUSON, Susan J. (org.). **Race, gender, sexuality & social class**: dimensions of inequality. Los Angeles: Sage, 2013. p. 125-139.

GÜELL, Pedro. Desarrollo humano, capacidades y sentido de pertenencia. *In*: HOPENHAYN, Martín; SOJO, Ana (org.). **Sentido de pertenencia en sociedades fragmentadas**: América Latina desde una perspectiva global. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011. p. 149-158.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

IEGELSKI, Francine. História conceitual do realismo mágico: a busca pela modernidade e pelo tempo presente na América Latina. **Almanack**, Guarulhos, n. 27, p. 1-15, 2021.

JODELET, Denise. **Representações sociais e mundos de vida**. Tradução de Lilian Ulup. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017.

JOFFILY, Mariana; ÁGUILA, Gabriela. Ditaduras na América do Sul entre as décadas de 1960-1980. *In*: ARAUJO, Maria Paula; PIMENTEL, Izabel; ARAUJO, Rafael (org.). **História política da América do Sul nos séculos XX e XXI**. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 161-191.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, Ernesto. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACHADO, Álvaro Manuel. **Introdução à literatura latino-americana contemporânea**. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1979.

MATHIAS, Dionei. Pertencimento: discussão teórica. **Revista Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 166-187, jan.-abr. 2023. DOI: 10.1590/1517-106X/202325110. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/57680. Acesso em: 5 jan. 2026.

MURDOCK, Maureen. **A jornada da heroína**: a busca da mulher, para se encontrar com o feminino. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). **Rompendo o silêncio**: gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

RAMA, Ángel. El "boom" en perspectiva. *In*: RAMA, Ángel. **Más allá del boom**: literatura y mercado. Buenos Aires: Folios, 1984.

SALVADOR, Álvaro. El otro boom de la narrativa hispanoamericana: los relatos escritos por mujeres en la década de los oitenta. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, v. 21, n. 41, p. 165-175, 1995. Disponível em: https://doi.org/10.2307/4530802. Acesso em: 20 set. 2026.

SCOTT, Joan Wallach. **A fantasia da história feminista**. Tradução de Elisa Nazarian. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2013.